





DA DITADURA À DEMOCRACIA



Gene Sharp

DA DITADURA À DEMOCRACIA
O Caminho para a Libertação

Testemunhos de:

LUATY BEIRÃO

INOCÊNCIO DE BRITO

OSVALDO CAHOLO

DOMINGOS DA CRUZ

DITO DALI

MBANZA HAMZA

JOSÉ GOMES HATA

FERNANDO ANTÓNIO THOMAS «NICOLAS»

HITLER TSHIKONDE

Tradução de:

SUSANA SOUSA E SILVA

L I S B O A :

TINTA-DA-CHINA

M M X V

A Tinta-da-china agradece ao autor, Gene Sharp,
à Albert Einstein Institution (info@aeinstein.org)
e ao *designer* da capa, Chris Shamwana, a cedência
dos direitos de autor e da reprodução da capa à editora,
para que todas as receitas desta edição revertam
a favor dos presos políticos de Angola.

© 2015, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29/30
info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *From Dictatorship to Democracy:
A Conceptual Framework for Liberation*
© 1994, Gene Sharp

Título: *Da Ditadura à Democracia:
O Caminho para a Libertação*
Autor: Gene Sharp
Tradução: Susana Sousa e Silva
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Ghost (Chris Shamwana)

1.ª edição: Dezembro de 2015

ISBN: 978-989-671-291-4
Depósito Legal n.º 401915/15

ÍNDICE

NOTA EDITORIAL	13
Testemunhos de nove presos políticos de Angola sobre <i>Da Ditadura à Democracia</i>	15
PREFÁCIO	19
CAPÍTULO 1: Enfrentar as ditaduras com realismo	23
Um problema persistente	24
A liberdade pela violência?	26
Golpes de Estado, eleições e salvadores estrangeiros? ...	28
Enfrentar a dura verdade	32
CAPÍTULO 2: Perigos das negociações	35
Méritos e limitações das negociações	36
Negociar a capitulação?	37
Poder e justiça nas negociações	39
Ditadores «simpáticos»	40
Que tipo de paz?	42
Razões para ter esperança	42
CAPÍTULO 3: De onde vem o poder?	45
Fábula do «Senhor dos Macacos»	45
Fontes indispensáveis do poder político	47
Centros do poder democrático	50

CAPÍTULO 4: Pontos fracos das ditaduras	53
Identificar o calcanhar de Aquiles	53
Pontos fracos das ditaduras	54
Atacar os pontos fracos das ditaduras	56
CAPÍTULO 5: O exercício do poder	57
Funcionamento da luta nãoviolenta	58
Armas e disciplina nãoviolentas	59
Transparência, secretismo e padrões de conduta elevados	63
Alteração das relações de poder	64
Quatro mecanismos de mudança	65
Efeitos democratizadores do desafio político	67
Complexidade da luta nãoviolenta	69
CAPÍTULO 6: Necessidade de planeamento estratégico	71
Planeamento realista	72
Obstáculos ao planeamento	73
Quatro termos importantes do planeamento estratégico	77
CAPÍTULO 7: Planeamento da estratégia	81
Escolha dos meios	83
Planear tendo em vista a democracia	84
Ajuda externa	85
Elaboração de uma grande estratégia	85
Planeamento de estratégias de campanha	88
Divulgar a ideia de nãocooperação	91
Repressão e contramedidas	92
Adesão ao plano estratégico	94

CAPÍTULO 8: Execução do desafio político	95
Resistência selectiva	96
Desafio simbólico	97
Distribuição de responsabilidades	99
Atingir o poder do ditador	100
Mudanças de estratégia	103
CAPÍTULO 9: Desintegração da ditadura	105
Escalada para a liberdade	107
Desintegração da ditadura	109
Gestão responsável do sucesso	111
CAPÍTULO 10: Alicerces de uma democracia duradoura ...	113
Ameaças de uma nova ditadura	114
Inviabilização de golpes de Estado	115
Redacção da Constituição	116
Uma política de defesa democrática	117
Uma responsabilidade meritória	118
ANEXO 1: Métodos de acção nãoviolenta	121
ANEXO 2: Agradecimentos e notas sobre o percurso de <i>Da Ditadura à Democracia</i>	133
ANEXO 3: Nota sobre as traduções e a reimpressão desta publicação	137
NOTAS	141
NOTA BIOGRÁFICA	144



- *Este é um livro altamente subversivo.*
(ANTÓNIO LUVUALU DE CARVALHO,
embaixador itinerante de Angola)
 - *Concordo consigo. É um livro altamente
subversivo, mas em regimes totalitários.
Não é subversivo em democracias. Este livro
não leva ao derrube de democracias.*
(JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, escritor)
- (Debate na RTP3, a 5 de Novembro de 2015)



NOTA EDITORIAL

A publicação deste livro agora, em Dezembro de 2015, está intrinsecamente ligada aos recentes acontecimentos políticos em Angola.

Luanda, Junho de 2015: um grupo de activistas angolanos estava reunido numa livraria a discutir um trabalho de Domingos da Cruz, baseado em *Da Ditadura à Democracia*. Por essa razão, foram presos em «flagrante delito», alega a justiça angolana.

No final de Setembro passado, Pedro Coquenão, artista luso-angolano, desafiou-me a publicar o *livro maldito*. Enquanto defensora da liberdade de expressão, que por definição não pode ter fronteiras, logo agarrei o projecto, enviando o livro para tradução com a nota: «O mais depressa possível.»

Sabendo que a maioria destes presos políticos vive com sérias dificuldades económicas e que a sua detenção agravou esta circunstância para as famílias, propus a Gene Sharp (também ele activista pela liberdade de expressão) a cedência dos direitos de autor. Após a sua anuência, assumi que a Tinta-da-china cederia todas as receitas da venda desta edição aos presos políticos e respectivas famílias.

Este livro tornou-se, no século XXI, um manual prático e um guia de orientação para a mudança de um sistema político e para transitar pacificamente de uma ditadura para uma democracia. Ora, como afirmou recentemente José Eduardo

Agualusa num debate televisivo, «*Da Ditadura à Democracia* só é um livro subversivo em regimes totalitários». Em democracias, é muito bem-vindo, como são aliás todos os livros.

Enquanto editora e cidadã que sempre viveu em democracia, é uma honra publicar este livro neste momento histórico em Angola. Espero que agora mais angolanos o possam ler. É um direito — não um privilégio — poder fazê-lo em total liberdade.

BÁRBARA BULHOSA
Editora da Tinta-da-china

Testemunhos de nove presos políticos de Angola sobre Da Ditadura à Democracia

LUATY BEIRÃO

«Foi ainda no ano de 2011 que o meu *kota* e amigo Fernando Macedo me enviou quatro livros em PDF por email para ‘iluminar o caminho da luta’. Entre eles, o *From Dictatorship to Democracy* que li na diagonal, confortando-me a constatação de que muitas das sugestões de Gene Sharp já eram por nós promovidas e aplicadas instintivamente. Dois anos mais tarde, vi um documentário sobre o autor e a obra que mostrava como a Birmânia (Myanmar) a inspirou, de como vários países do bloco de Leste, mormente ex-repúblicas soviéticas, a usaram como manual de instruções para as suas revoluções ‘coloridas’, de como o Irão e a Rússia a diabolizaram e baniram, equiparando Gene a um agente da CIA.

Em Maio de 2015, o Domingos da Cruz, grande entusiasta da obra, propôs que, como activistas empenhados na promoção dos direitos fundamentais, nos juntássemos semanalmente para discutir a sua adaptação de *From Dictatorship to Democracy*, o que nos valeu a prisão sob acusação de ‘actos preparatórios’ de rebelião e atentado contra o chefe de Estado.

Acabei por nunca concluir a leitura do livro que as ditaduras temem como se de uma bomba atómica se tratasse.»

INOCÊNCIO DE BRITO

«O livro de Gene Sharp fez-me descobrir que existe uma maneira de vencer os ‘fortes’ mesmo sendo ‘fraco’. Era tudo o

que eu queria, mas não sabia que existia uma fórmula para o efeito.

Hoje eu sei que o regime do MPLA não é tão forte assim, porque só o seria se algum dia conseguisse ser e reagir de modo pacífico.»

OSVALDO CAHOLO

«Nesta hora, ocorrem-me várias coisas: desde as lutas e métodos por nós iniciados em 2011, de forma desorientada, contra um regime na altura com 32 anos no poder. Sinto-me feliz por me ter juntado ao pensamento e às formas/métodos articulados e bem estruturados de luta não violenta de Gene Sharp, uma manifestação que ficará registada como um dos maiores caminhos para enfrentar um governo de mãos firmes, a favor da liberdade na história do nosso país. A seguir, vamos criar instituições fortes e inclusivas, que possam trazer prosperidade aos angolanos. Uma sociedade em que os direitos políticos sejam mais amplamente distribuídos, em que o governo seja responsabilizado e tenha de responder perante os cidadãos, e onde a maioria das pessoas possa aproveitar as oportunidades económicas.»

DOMINGOS DA CRUZ

«Depois de ter tido contacto com o pensamento de Gene Sharp, construí uma certeza: devia partilhá-lo com vista a transformarmos a sociedade de forma colectiva.

O cárcere aprofundou esta certeza, porque a teoria da luta não violenta por meio do desafio político está a funcionar com eficiência gradativa e liberdade.»

DITO DALI

«A fase mais difícil da vida é quando decidimos caminhar em busca da liberdade. A mais fácil é quando se conquista a liberdade.

Seria um erro ser julgado pela história devido à cumplicidade do meu silêncio face à opressão instalada pelo regime de José Eduardo dos Santos. Ora, a vida termina, a sociedade continuará. Para se dar continuidade a uma nova sociedade, cabe-nos a nós prepará-la.»

MBANZA HAMZA

«É fácil perceber as injustiças sociais, mas não é fácil entender a teia que as cose; muito menos ainda, como podemos inconscientemente estar a dar o nosso contributo para a perpetuação de regimes ditatoriais e autocráticos.

Gene Sharp, na minha percepção, dá-nos através do seu livro olhos para ver além dessas injustiças (especialmente no contexto de regimes autocráticos) e alma para não ficar indiferente e não continuar o apoio tácito ou inconsciente, que é a principal fonte de poder das tiranias. Entretanto, fá-lo ultrapassando a prática de ‘dar a outra face’: para Gene Sharp é preciso estar-se preparado para dar a face quantas vezes a resistência pacífica o exigir.

A visão é: pacificamente resistir, pacificamente ousar e inteligentemente planear. Acções simples, não violentas, quando inteligentemente bem usadas, podem inutilizar os paíóis de toda uma nação.»

JOSÉ GOMES HATA

«Conheço pouco sobre a obra de Gene Sharp, mas, pelo simples facto de advogar a luta não violenta, confere legitimidade à reivindicação dos oprimidos de todo o mundo.»

FERNANDO ANTÓNIO THOMAS «NICOLAS»

«Se algum dia me perguntarem o porquê da luta não violenta, simplesmente direi que a liberdade não se oferece mas conquista-se. Por isso nós nunca e jamais seremos contra Angola. Nós somos contra os políticos corruptos de Angola.

A opressão nunca triunfará. A liberdade, por mais tardia que seja, chegará.

Quando o opressor faz de nós heróis, nem mesmo as cadeias, as torturas, nos doem.»

HITLER TSHIKONDE

«Quando o príncipe já não é temido nem amado, é porque se aproxima o fim do principado.»

PREFÁCIO

A maneira como os povos evitam e destroem as ditaduras é um dos meus grandes interesses há vários anos. É um interesse baseado, em parte, na convicção de que os seres humanos não devem ser dominados nem destruídos por tais regimes. As minhas leituras sobre a importância da liberdade humana, a natureza das ditaduras (de Aristóteles aos analistas do totalitarismo) e a sua história (em particular, os sistemas nazi e estalinista) têm reforçado esta convicção.

Ao longo dos anos, tive oportunidade de conhecer pessoas que viveram e sofreram sob o jugo nazi, incluindo sobreviventes dos campos de concentração. Na Noruega, encontrei-me com resistentes e sobreviventes do regime fascista e ouvi as histórias dos que pereceram. Conversei com judeus que escaparam ao domínio nazi e com indivíduos que os ajudaram.

Sobre as políticas de terror seguidas pelos regimes comunistas de diversos países, aprendi mais em livros do que através de contactos pessoais. O terror destes sistemas parece-me particularmente insuportável quando penso que estas ditaduras foram impostas em nome da libertação da opressão e da exploração.

Nas últimas décadas, as visitas de indivíduos oriundos de países governados por sistemas ditatoriais, como o Panamá, a Polónia, o Chile, o Tibete e a Birmânia, foram tornando as

realidades das actuais ditaduras mais concretas. Graças aos tibetanos que lutaram contra a agressão da China comunista, aos russos que derrotaram o golpe de Estado da linha-dura do partido, em Agosto de 1991, e aos tailandeses que se opuseram por métodos nãoviolentos à reposição do regime militar, reuni diferentes perspectivas, frequentemente perturbadoras, sobre o carácter insidioso das ditaduras.

A comoção e a indignação perante a brutalidade e, ao mesmo tempo, a admiração pelo heroísmo sereno de homens e mulheres dotados de uma coragem assombrosa, por vezes intensificaram-se depois de visitas a zonas ainda sob grande perigo, mas cujas corajosas populações mantinham uma atitude de desafio: ao Panamá governado por Noriega; a Vilnius, na Lituânia, na época em que o país ainda sofria os efeitos da repressão soviética; à Praça Tiananmen, em Pequim, desde as celebrações da liberdade à entrada dos primeiros blindados, nessa noite de má memória; e à selva, no quartel-general da oposição democrática, em Manerplaw, na «Birmânia libertada».

Também estive em locais onde se travaram combates, como a torre da televisão e o cemitério de Vilnius, o jardim público de Riga, onde ocorreram alguns fuzilamentos, o centro de Ferrara, no norte da Itália, onde os fascistas dispunham os resistentes em fila e os abatiam, e em Manerplaw, num singelo cemitério povoado de cadáveres de homens mortos antes do tempo. É triste verificar que todas as ditaduras deixam um rasto de morte e destruição.

Destes interesses e vivências nasceu uma esperança firme na possibilidade de impedir a tirania, de combater as ditaduras com sucesso e sem massacres mútuos maciços, de destruir as ditaduras e impedir que outras ressurgam das cinzas das que foram derrubadas.

Procurei reflectir cuidadosamente sobre as maneiras mais eficazes de desintegrar ditaduras com o mínimo de custos em termos de sofrimento e perda de vidas humanas. Para tal, apoiei-me nos estudos, realizados ao longo de muitos anos, sobre ditaduras, movimentos de resistência, revoluções, pensamento político, sistemas de governo e, em particular, lutas nãoviolentas* realistas.

Este livro é o resultado desse esforço. Não tenho dúvidas de que está longe de ser perfeito. No entanto, propõe orientações que talvez possam fomentar a reflexão e o planeamento de movimentos de libertação mais poderosos e eficazes.

Por necessidade, e também por escolha deliberada, este ensaio centra-se na questão genérica de como destruir uma ditadura e impedir a afirmação de outra. Não tenho competências suficientes para fazer uma análise pormenorizada e fornecer directivas para cada país em particular. Espero, todavia, que este estudo genérico possa ser útil aos que, em muitos países, ainda têm de enfrentar as realidades de um regime ditatorial. Cabe-lhes aferir a validade desta análise em função das especificidades da sua situação e avaliar em que medida as principais recomendações podem ou não ser aplicadas às suas lutas pela libertação.

Em nenhum momento, ao longo deste ensaio, pretendo defender que desafiar ditadores é uma actividade fácil e sem custos. Todas as formas de luta têm custos e complicações e o combate contra os ditadores fará certamente vítimas. Espero, no entanto, que esta análise incite os dirigentes de movimentos de resistência a ponderarem estratégias susceptíveis de aumentar o seu poder efectivo e, ao mesmo tempo, de reduzir o nível de baixas.

* A decisão de usarmos uma grafia diferente neste livro para os termos «nãoviolência» e «nãocooperação» (e seus derivados) respeita um requisito do autor de criar novos termos que descrevam mais justamente certos conceitos-chave nas suas obras de activismo. (N. da e.)

Esta análise também não deve ser entendida como a defesa de que o fim de uma determinada ditadura acarreta o desaparecimento de todos os problemas. A queda de um regime não conduz à utopia. Na verdade, abre caminho ao trabalho árduo e a grandes esforços para construir relações sociais, económicas e políticas mais justas e erradicar outras formas de injustiça e opressão. A minha esperança é de que este breve estudo sobre como desintegrar uma ditadura possa ser útil onde quer que existam povos dominados que desejam ser livres.

GENE SHARP

6 de Outubro de 1993
Albert Einstein Institution
Boston, Massachusetts

CAPÍTULO I

Enfrentar as ditaduras com realismo

Nos últimos anos, diversas ditaduras — de origem nacional ou instituídas por influência estrangeira — esboroaram-se ou claudicaram diante de populações contestatárias e mobilizadas. Apesar de serem muitas vezes consideradas sistemas firmemente implantados e inexpugnáveis, algumas revelaram-se incapazes de resistir ao desafio político, económico e social concertado que o povo lançou.

Desde 1980, acções de desafio popular de natureza predominantemente nãoviolenta precipitaram a queda de regimes ditatoriais na Estónia, Letónia, Lituânia, Alemanha Oriental, Checoslováquia e Eslovénia, Madagáscar, Mali, Bolívia e Filipinas. A resistência nãoviolenta tem promovido avanços no sentido da democratização no Nepal, Zâmbia, Coreia do Sul, Chile, Argentina, Haiti, Brasil, Uruguai, Malawi, Tailândia, Bulgária, Hungria, Nigéria e em diversos territórios da antiga União Soviética (tendo desempenhado um papel importante na derrota da tentativa de golpe de Estado pela linha-dura do partido, em Agosto de 1991).

Nos últimos anos, assistimos também à realização de manifestações em massa de desafio político¹ na China, na Birmânia e no Tibete. Embora estas lutas não tenham levado ao desaparecimento das ditaduras instaladas ou das ocupações existentes, expuseram perante a comunidade internacional a natureza

cruel desses regimes repressivos e proporcionaram às populações envolvidas uma experiência valiosa desta forma de luta.

A queda das ditaduras nos países acima referidos não conduziu certamente à erradicação dos restantes problemas que afligem essas sociedades: pobreza, criminalidade, ineficácia burocrática e destruição ambiental, não raro o legado de regimes brutais. No entanto, a sua desagregação contribuiu pelo menos para mitigar o sofrimento das vítimas de opressão e abriu caminho à reconstrução destas sociedades em condições de maior democracia política, liberdade individual e justiça social.

Um problema persistente

As últimas décadas evidenciam, de facto, a existência de uma tendência para maior democratização e liberdade em todo o mundo. Segundo a Freedom House, organização responsável por um estudo internacional anual sobre a situação dos direitos políticos e das liberdades cívicas, o número de países classificados como «Livres» aumentou significativamente nos últimos anos.²

	LIVRES	PARCIALMENTE LIVRES	NÃO LIVRES
1983	54	47	64
1993	75	73	38
2003	89	55	48
2009	89	62	42

Não obstante, esta tendência positiva é minorada pelo número elevado de indivíduos que continuam a viver em contextos de tirania. Em 2008, 34 por cento dos 6,68 mil milhões de indi-

vídus que constituem a população mundial viviam em países ou territórios classificados como «Não Livres»,³ ou seja, regiões onde se verificam grandes restrições aos direitos políticos e às liberdades cívicas. Os 42 países integrados na categoria dos «Não Livres» são governados por ditaduras militares (como a Birmânia), monarquias tradicionais repressivas (Arábia Saudita e Butão), partidos políticos dominantes (China e Coreia do Norte), ocupantes estrangeiros (Tibete e Sara Ocidental), ou encontram-se em fase de transição.

Actualmente, muitos países vivem processos de rápida transformação política, económica e social. Apesar de nos últimos anos se ter verificado um aumento do número de países «Livres», o risco de que essas mudanças fundamentais tão rápidas possam levar muitos a evoluírem na direcção contrária e a caírem em novas formas de ditadura é elevado. Cliques militares, indivíduos ambiciosos, representantes eleitos e partidos políticos doutrinários não desistirão de tentar impor a sua vontade. Os golpes de Estado são, e hão-de permanecer, uma realidade frequente. Os direitos humanos e políticos mais elementares continuarão a ser negados a um elevado número de pessoas.

Infelizmente, o passado continua vivo. As ditaduras são um problema sério e complexo. As populações de muitos países foram vítimas de opressão durante décadas, séculos até, fosse ela de origem interna ou estrangeira. Em muitos casos, existia uma submissão incontestada, e há muito inculcada, a figuras de autoridade e governantes. Nas situações mais extremas, as instituições sociais, políticas, económicas e até religiosas — fora do controlo do Estado — foram deliberadamente enfraquecidas, subordinadas, ou mesmo substituídas por novos organismos arregimentados, utilizados pelo Estado ou pelo partido

dirigente para controlar a sociedade. A população foi muitas vezes atomizada (transformada numa massa de indivíduos isolados), mostrando-se incapaz de actuar em conjunto para alcançar a liberdade, de cultivar a confiança mútua, ou até de fazer qualquer coisa por iniciativa própria.

O resultado é previsível: a população torna-se fraca, perde a confiança em si própria e não consegue oferecer resistência. As pessoas sentem-se frequentemente demasiado assustadas para partilharem o ódio pela ditadura e a sede de liberdade, mesmo com familiares e amigos. Sentem-se demasiado aterrorizadas para pensarem a sério na ideia de resistência pública. De que serviria ela, afinal? Ao invés, suportam um sofrimento sem objectivo e olham para o futuro sem esperança.

As condições prevalecentes nas ditaduras actuais podem ser muito piores do que no passado. Em épocas passadas, alguns povos terão procurado resistir. É possível que tenham ocorrido protestos e manifestações de massas efémeros. Em certos momentos, os ânimos ter-se-ão exaltado temporariamente. Noutros, indivíduos e pequenos grupos terão protagonizado gestos corajosos mas impotentes, afirmando determinados princípios ou, muito simplesmente, declarando o seu desafio. Por mais nobres que fossem os seus motivos, esses actos passados de resistência foram muitas vezes insuficientes para vencer o medo e os hábitos de obediência do povo, uma condição prévia necessária para destruir a ditadura. Lamentavelmente, estes gestos podem ter apenas causado mais sofrimento e mortes, em vez de vitórias ou até esperança.

NOTA BIOGRÁFICA

GENE SHARP nasceu a 21 de Janeiro de 1928. É o fundador da Albert Einstein Institution, uma ONG que se dedica a promover o estudo da acção nãoviolenta, e foi professor de Ciências Políticas na Universidade de Massachusetts Dartmouth, nos Estados Unidos. Foi indicado quatro vezes para o Prémio Nobel da Paz.

É conhecido pelos seus textos sobre luta nãoviolenta e tem influenciado movimentos de resistência pacífica em todo o mundo.

DA DITADURA À DEMOCRACIA

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas
sobre papel Coral Book de 80 g,
no mês de Dezembro
de 2015.